

O EXERCÍCIO DE MONTAGEM DO ESTADO DA ARTE DE UM *CORPUS* EM CHAMAS A PARTIR DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS

JEFFERSON CAMPOS (UNIR)¹

RESUMO: Neste artigo, proponho um exercício reflexivo sobre a relação entre o fazer científico e o fazer-se sujeito nas/das ciências da linguagem a partir do legado do filósofo Michel Foucault. Considerando o modo como se produz conhecimento, em especial a partir dos procedimentos metodológicos pelos quais o discurso científico é verificado na ordem do social, problematizo os efeitos da elaboração do estado da arte de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida no âmbito dos estudos do texto e do discurso, com o objetivo de refletir sobre os efeitos deste procedimento metodológico na constituição e montagem de um *corpus* discursivo. Tal proposta, alinhada às formulações desenvolvidas no interior dos Estudos Discursivos Foucaultianos, se baseou na descrição da busca indexada por trabalhos acadêmicos que respondessem a critérios atrelados à discursividades referentes ao incêndio do Museu Nacional. As análises permitiram observar que a constituição de um estado de saber, da consolidação de uma lei que permitiu que, num dado período de tempo, no calor de uma dada época, acerca de um objeto específico pudessem circular, em concomitância, um conjunto de proposições e não outras em seu lugar, incide sobre um regime de práticas analíticas vindouras como uma espécie de controle normatizador do arquivo discursivo de uma dada época. Este, elemento normalizador dos diversos enunciados que poderão, à luz de uma teoria foucaultiana dos discursos, virem a ser *corpora*, cooptam o fazer o científico do analista das práticas discursivas, desencadeando as possibilidades de este se inserir na ordem dos discursos possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Nacional. Incêndio. Estado da Arte. *Corpora*. Estudos Discursivos Foucaultianos.

ABSTRACT: *In this paper, I set out a reflective practice over the relationship between the scientific making and the making of the subject him/herself in/of the language sciences on the basis of the legacy from the philosopher Michel Foucault. In view of the way knowledge is produced, mainly based on the methodological procedures through which scientific discourse is verified in the order of the social, I problematize the effects of the state of the art elaboration of a doctoral research developed in the context of text and discourse studies, intending to reflect on the effects of this methodological procedure in the constitution and setting up of a discursive corpus. This proposition, along the lines of the formulations developed within Foucauldian Discourse Studies, has been based on the description of the indexed search for academic works that responded to criteria associated with discursivities related to the National Museum fire. The analyses allowed us to observe that the constitution of a state of knowledge, the consolidation of a law that allowed that, in a given period of time, in the heat of a given time, about a specific object, a set of propositions could concomitantly circulate and not others in its place, affecting a regime of analytical practices to come, as a kind of normative control of the discursive archive of a given time. This one, a normalizing element of the various statements that may, in the light of a Foucauldian theory of discourses, become corpora, co-opts the scientific making of the analyst of discursive practices, triggering the odds of him/her inserting him/herself in the order of possible discourses.*

KEYWORDS: *Brazilian National Museum. Fire. State of the Art. Corpora. Foucauldian Discourse Studies.*

¹ Doutor em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: jefferson.santos@unir.br.

QUESTÕES CATALISADORAS

Acolher o discurso em seu caráter de acontecimento é uma das orientações legadas pelo filósofo Michel Foucault a todos cujo propósito seja o de analisar o funcionamento das práticas discursivas na constituição de saberes, na análise da geografia e do exercício do poder e na produção ética do sujeito moderno. Isso porque, enquanto acontecimento, o discurso é a materialidade pontual de um sentido em um dado momento da história, na mesma medida em que demarca a dispersão temporal de um enunciado em sua (re)inserção na ordem dos dizeres efetivamente produzidos, cujo desenho permite ao discurso, “[...] ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 31). Entretanto, a relação entre o fazer científico e o fazer-se sujeito nas/das ciências da linguagem, orientada por esse direcionamento, nem sempre constitui uma tarefa fácil.

Em *O nascimento da clínica*, ao historicizar o regime de práticas que envolvem a construção da medicina ocidental, o filósofo adverte que as escansões, cisões e refinamentos deste campo de saber encontraram na experiência do olhar médico as condições para a configuração da linguagem, para a imersão nas relações situacionais como foco deste olhar e a constituição do lugar daquele que fala e daquilo de que se fala (FOUCAULT, 2014b). Por isso, ao me debruçar sobre discursividades a partir do campo das ciências da linguagem, sou levado a problematizar o modo como se produz conhecimento no âmbito das instituições validadas pelas sociedades ocidentais, em especial a partir de procedimentos metodológicos como a elaboração do estado da arte de uma pesquisa.

Pelo exposto, neste artigo propus um exercício reflexivo sobre a constituição do estado da arte de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida no âmbito dos estudos do texto e do discurso, com o objetivo de refletir sobre os efeitos deste procedimento metodológico na constituição e na montagem de um *corpus* discursivo. Nesse empreendimento, constituído a partir das formulações propostas nos Estudos Discursivos Foucaultianos, descrevo a historicidade do processo de seleção de um corpus discursivo baseado em discursos acerca do incêndio do Museu Nacional e, em um segundo momento, problematizo como a elaboração do estado da arte está diretamente implicada no modo como os procedimentos de constituição da pesquisa serão enlaçados pelo regime de coexistência enunciativa proposto pelos diversos enunciados em circulação ou, dito de outro modo, como o fazer científico – uma prática discursiva – é estabelecido já dentro das condições de existência do discurso que será posto sob análise como sendo uma de suas possibilidades de circulação.

O INCÊNDIO NO MUSEU NACIONAL: ACONTECIMENTO E ENUNCIADOS EM CHAMAS

No decurso de um trajeto de pesquisa que trata dos discursos sobre a produção de conhecimento científico, artístico e cultural no Brasil (CAMPOS, 2018; CAMPOS, 2020; CAMPOS, 2021a; CAMPOS, 2021b; SILVEIRA; CAMPOS, 2021), que desenvolvi junto ao Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM (Geduem/CNPq), deparei-me, em setembro de 2018, com as imagens do incêndio que consumia o prédio do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, amplamente televisionadas e replicadas pelas redes e mídias digitais. O efeito dessa tragédia pôde ser vivenciado tanto no nível dos fatos da vida cotidiana, quanto na observação do modo como os discursos se comportam em relação à dimensão acontecimental (FOUCAULT, 2010; 2012) que esse sinistro político-cultural carrega.

Essa relação contraditória que envolve o pesquisador na sua implicação física com a atualidade é sintetizada por Beiguelman (2019, p. 215) da seguinte forma:

Assistir ao Museu Nacional ser consumido pelas chamas foi testemunhar um memoricídio. [...] Era isso que aquela noite fúnebre traduzia num museu em

cinzas: um país destruído. [...] Estávamos diante da imagem da catástrofe, e a catástrofe no século XXI não dá margem, às ruínas. Porque a ruína presentifica o vivo na morte, é um fragmento da história [...]: apesar de nostálgica, [a ruína] manifesta a potência de imaginar outros futuros. Já a catástrofe do século XXI é terminal, assertiva. É um momento sem futuro. Não tem um depois.

O espanto com o incêndio do museu, como fato histórico, está *pari passu* com o gesto de analisar a condição de acontecimento que daí deriva. Tal movimento já fora observado por Artières (2004, p. 32-33), para quem “[...] o trabalho de diagnóstico passa primeiramente por uma relação física com a atualidade” como um instrumento de aferição da dispersão dos discursos no âmbito do acontecimento, como modo de investigação, como forma de uma “prática de si”.² De igual forma, esse imbricamento entre o gesto de diagnóstico e a experiência do fato histórico constituiu as bases para o desenvolvimento da tese “A emergência do intelectual específico em práticas discursivas de transgressão: relatar a si mesmo como aleturgia no documentário *resgates*” (CAMPOS, 2021a) sobre a qual este artigo, constantemente, faz referência.

O gesto diagnóstico proposto como método analítico para essa investigação assemelhou-se ao de uma autópsia. Foucault (2014b) já destacara o privilégio do ato da percepção na consolidação do campo do saber médico, pois é próprio do olhar clínico a propriedade de auscultar o visível da doença em seu caráter de acontecimento. Deriva daí (e da herança paterna do filósofo) a tática de colocar-se à espreita das sublevações discursivas no tempo presente, como forma de distinguir, sob o papel de intelectual, “[...] esses acontecimentos no porão da história, [...] de uma força inédita que não se trata, em nada, de controlar [aquilo] que ocupa o primeiro plano [...]” (ARTIÈRES, 2013, p. 20-21).

Enquanto método analítico caro aos Estudos Discursivos Foucaultianos, o diagnóstico permite a observação e seleção de enunciados produzidos no calor do tempo presente e, não raro, desde os primeiros rompantes de sua irrupção nos mais diferentes campos de interação social, o que é próprio do regime de coexistência enunciativa. Diagnosticar o presente também constitui um caminho ético que questiona a estabilidade e o distanciamento entre objeto discursivo e o analista, dado que o atravessamento do pesquisador pelos objetos forjados pelas práticas discursivas é parte do processo que assinala o próprio processo discursivo pelo qual o cientista (da linguagem) é constituído.

Portanto, neste trabalho, assumi o diagnóstico como método discursivo de análise. Tal ferramenta se delinea “[...] a partir de alguns pontos que o olhar designou e a partir dos quais se desdobra o mapa da atualidade” cuja anatomia “[...] é não apenas o produto de um gesto, “mas também de uma relação específica do diagnosticador consigo mesmo” (ARTIÈRES, 2013, p. 30-31). Trata-se de um exercício metodológico a partir do qual a modalização do fazer científico perpassa (i) por um investimento físico do pesquisador com o presente; (ii) pelo exercício de desprendimento da função de intelectual universal, na direção de um diagnóstico produzido, de modo situado, no campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos e; (iii) por uma experiência de escrita-arma que atravessa fisicamente os acontecimentos do presente.

Consequentemente, esse modelo metodológico forjado no processo investigativo como todo, é da ordem de uma ética de si ou, em outras palavras, seu resultado é constituído, ao

² A formulação “prática de si” remonta aos estudos de Michel Foucault sobre o cuidado de si. Ao analisar condutas de diferentes sujeitos em tragédias gregas, o filósofo observou que mantinham uma relação direta com a produção de modos de governo de si na relação com o outro, algo que se assemelharia a uma estética da existência (FOUCAULT, 2020). Nesse sentido, prática de si se refere aos procedimentos mobilizados na conformação de processos a partir dos quais o sujeito desenvolve um modelo social de existência de si para si e que tem, no discurso, sua expressão mais eficiente de validação.

mesmo tempo e sob condições distintas, pela emergência de um objeto discursivo no interior de um arquivo do presente e pela figura de um intelectual específico, circunscrito à experiência do diagnóstico (CAMPOS, 2021a).

Fruto de sua produção teórica e de sua atuação direta no campo das demandas sociais, como a luta antimanicomial e o degredo do sistema prisional (sobretudo o Francês), o conceito de intelectual específico é forjado por Michel Foucault sob a necessidade de demarcar uma posição menos impositiva e global, que formativa e localizada para a atuação do intelectual. Duramente criticado por teóricos do materialismo ortodoxo praticado na segunda metade do século XX, Foucault opta por um modelo de trabalho científico e filosófico que se opunha a uma espécie de messianismo científico. Antes, seu propósito sempre fora encontrar condições de promover modos diferentes de pensar os sistemas de pensamento na história do presente, ainda que isso levasse o próprio intelectual a desfazer-se das seguranças práticas estabelecidas pelo fazer científico. Como observara Bert (2013, p. 189),

Foucault oferece uma espécie de desafio. Desafio permanente que deve nos permitir evitar toda forma de rotinização de uma prática de investigação, ou de uma prática de pesquisa inscrevendo-se em uma perspectiva teórica - genealógica - e política que, a despeito de todas as suas ambições, obriga a avaliar permanentemente aquilo que nós fazemos.

No tocante à investigação aqui apresentada, ao observar o movimento de dispersão dos enunciados sobre a reconstrução do Museu Nacional, um primeiro tratamento dado a esses discursos em sua irrupção esbarrou, não sem razão, em uma crítica positivista. Isso porque, recorrer à lei de coerência da superfície discursiva, desviando (o olhar) do peso das contradições é, de certa maneira, uma “coação moral da pesquisa” (FOUCAULT, 2012, p. 183). Nesse caso, as centelhas e crestas restantes do incêndio foram se tornando, na ordem da distribuição dos enunciados, especialmente, no espaço das redes e mídias sociais, em um amontoado amórfico de documentos que atestavam uma espécie de realidade social, uma política do discurso verdadeiro escondida atrás da catástrofe. É nesse sentido que todo e qualquer enunciado fora dessa regra de formação foi tratado, inicialmente, como um desvio pouco significativo

A narrativa do incêndio de grandes proporções ganhou contorno no confronto midiático digital entre atualizar as imagens das labaredas que consumiram o museu, da estrutura física a sua coleção, e articular as falas institucionalizadas do Estado e de diversos especialistas acerca do que se deve considerar ante ao fato, como demonstrei em trabalhos anteriores (CAMPOS, 2020a; CAMPOS, 2020b; CAMPOS, 2021b). Essa (in)tensa relação de coexistência enunciativa (FOUCAULT, 2012) se alastrou a partir da recorrência de algumas marcas materiais (fossem elas verbais, visuais ou sincréticas) que compuseram o regime de repetição, de reaparecimento do acontecimento factual na ordem dos discursos.

Em se tratando dos modos de governo do outro nas sociedades contemporâneas, sabemos, a partir dos estudos foucaultianos, que a biopolítica³ explica a razão do Estado, qual seja, a de uma racionalidade governamental que visa menos a conservação do Estado que a

³ O conceito de biopolítica consiste em “[...] levar em conta a via, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação” (FOUCAULT, 2019, p. 207). Contudo, como tenho defendido (CAMPOS, 2020a; CAMPOS, 2020b; CAMPOS, 2021b), as produções e discursos artístico-culturais estão diretamente relacionadas às práticas de gestão da vida. Por certo, a biopolítica se consolida como uma política não apenas por atingir a vida biológica, mas por alcançar as demandas requeridas pela produção e manutenção do bem estar social, em especial, na relação da população com os espaços de memória que definem o corpo social como unidade, como uma questão do Estado.

manutenção de uma certa relação de forças daquele com a população (FOUCAULT, 2008). Essa mecânica do poder consolida um modo de vida mais longa e mais produtiva, cujo foco e produto é a própria população. Esta não se resume ao indivíduo na sua unidade física, nem a uma “coleção de sujeitos de direito” ou “[a]o conjunto de braços destinados ao trabalho, antes, está ligada “ao regime geral dos seres vivos”, o que “[...] pode dar ensejo a intervenções concretas (por intermédio das leis, mas também das mudanças de atitude, de maneira de fazer e viver que podem ser obtidas pelas ‘campanhas’)” (FOUCAULT, 2008, p. 493). A biopolítica é, portanto, o desenvolvimento dessa tecnologia de poder que constitui a condição de possibilidade da população como um problema direto da política. Por isso, o museu, seu espólio e as atividades que empreendem os seus trabalhadores correspondem ao tratamento político de resguardo e de manutenção do patrimônio e memória nacional dado pelo Estado como garantia de sua atuação.

Nessa relação estabelecida entre Estado, instituição museológica e população, importava observar o funcionamento orgânico de uma estrutura produtiva a partir da qual o gerenciamento de cada um dos segmentos mencionados são mobilizados no interior de um dispositivo de governo: o Pacto de segurança. Em termos gerais, essa tecnologia de poder se ocupa em garantir à população a segurança necessária para o seu desenvolvimento. E, em caso de falhas, é, também, a garantia de que o Estado estará apto a “combater” os perigos (inclusive os iminentes) decorrentes desse desacerto. Como bem observa a pesquisadora Marcele Cristina Coelho (informação verbal)⁴, a descontinuidade e a desordem implicadas nesse modelo de segurança são próprios do funcionamento da dinástica do poder.

Seja na dimensão de uma causa, seja no seu efeito de consequência, a irrupção de enunciados derivados do incêndio em questão ancorou-se, de modo sobredeterminado, na referência da falência do Estado na quebra de seu pacto político de produção, manutenção, guarda e curadoria dos bens artísticos, culturais e científicos alocados no espaço do museu. A irreparabilidade da(s) perda(s) do acervo e da arquitetura física do Museu Nacional circularam intensamente assegurando, aos olhos do leitor comum, que parte da memória nacional se esvaiu pelas cinzas. De igual modo, também deu relevo ao conjunto de medidas de reestabelecimento da ordem de cuidado cuja falha precisa ser combatida.

Diante do quadro apresentado, tornou-se possível identificar um regime complexo de coexistência de enunciados derivados de um mesmo acontecimento discursivo, que envolve processos políticos, culturais, educacionais e científicos. Desses processos, pode-se identificar medidas que interpõem, em diferentes níveis, o mapeamento dos riscos, o gerenciamento da crise, o censo das perdas, o levantamento dos espólios recuperados, a formulação de proposições técnico-científicas, o angariamento de capital, cuja racionalidade opera entre a falha e a atualização do pacto de segurança como referente dos regimes de enunciabilidade e de visibilidade de discursos. A esse regime complexo de discursivização que eu denominei narrativa biopolítica.

Do ponto de vista foucaultiano, o poder biopolítico falhou ante aos olhos da população. Isso porque, as formas estáveis de enunciados visuais do prédio ardendo em chamas, dos escombros se erguendo ante às câmeras foto e videográficas se reinseriram, na história do presente, sob a forma de comentários, provocando menos deslizamentos ou transformações desses documentos de um passado ainda quente - trocadilho infame ao discurso a que se quer aqui alinhar - que propondo uma cadeia de enunciados cujo acontecimento de que derivaram é restituído insistentemente, tornando sempre visível, sempre observável o objeto ao qual fazem

⁴ Fala da pesquisadora na ocasião da reunião ordinária do Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM (GEDUEM/CNPq) ocorrida em 18 out. 2021.

referência: **a memória nacional perdida**. Disso, me lancei à elaboração de um estado da arte, que permitisse mapear estudos que demonstrassem o modo como o incêndio do Museu Nacional irromper um conjunto de enunciados no tempo presente.

ENUNCIADOS EM COEXISTÊNCIA ENUNCIATIVA: OU A ELABORAÇÃO DE UM ESTADO DA ARTE

Essas reflexões iniciais tiveram como combustível o investimento no trabalho de diagnóstico das produções acadêmico-científicas que trataram o incêndio do Museu Nacional como objeto de estudo. De acordo com Santos (2018, p, 53-54), pesquisas do tipo estado da arte são caracterizadas como aquelas que

[...] possuem um largo reconhecimento no contexto brasileiro no que tange às pesquisas educacionais e, em termos gerais, possibilitam uma maior amplitude no contexto investigativo. Nos parece que, estudos do tipo estado da arte tem uma maior potencialidade no que refere ao processo analítico, [...] e que, tal movimento metodológico e epistemológico requer um “mergulho científico” de modo que se possa [fazer] emergir resultados e contributos positivos para a área [...].

A elaboração do estado da arte de um tema na ordem do discurso acadêmico é tratada, pela literatura, como um procedimento de verificação da dispersão temática nos diferentes modos como foi (ou não) tratado pelas abordagens científicas. Pela ótica do discurso, na sua acepção arqueológica - a que pretende delinear os regimes de irrupção e dispersão dos discursos a partir dos quais se fundam um dado saber -, eu diria que se trata de parte da análise do fenômeno de recorrência de um enunciado nas suas diversas enunciações pelo campo científico, o que resulta, em certa medida, na possibilidade de tratar um determinado tema (como o incêndio do Museu Nacional) na estabilização desse enunciado ao descrever sua lei de dispersão.

À esteira do pensamento foucaultiano, o procedimento de constituição de um “estado de conhecimento” ou “estado da arte” (SANTOS, 2018), portanto, visa à produção de um diagnóstico da dispersão de um enunciado em suas condições de existência, visando determinar as suas condições de possibilidade, ao modo de uma história serial, aquela que, tratada sob o escrutínio de uma análise arqueológica dos discursos, faz aparecer diferentes “estratos de acontecimentos” (FOUCAULT, 2005) na ordem da produção de conhecimento com foco na “formação dos conceitos” que envolvem o discurso como prática de produção de um campo de saber dado (FOUCAULT, 2012).

Desse modo, é concernente ao trabalho do intelectual, no que ele tem de produtivo a partir da posição social que ocupa, a descrição do objeto com o qual se ocupa a partir do estabelecimento de “séries enunciativas”, em suas “formas de correlação” e em seus “tipos de correlação”; também, a inventariação do “campo de coexistência” dos enunciados num mesmo “domínio de memória”. Disso, decorre a definição dos possíveis “procedimentos de intervenção” dos quais me interessa, em especial, aqueles que permitem situar a análise das práticas discursivas concernentes a um campo de saber específico.

Sob tal delineamento, para a constituição do estado da arte, tomei o acontecimento histórico-discursivo do incêndio do Museu Nacional como marco temporal e como enunciado, materialmente constituído como “incêndio museu nacional”, para a busca indexada na base de dados acadêmicos da plataforma digital Google (o Google Acadêmico). De modo análogo, o recorte temporal e o mesmo enunciado foram usados como princípio de organização do arquivo estabilizado de produções acadêmicas em nível de mestrado e de doutorado do “Catálogo de

teses e de dissertações”, mantido pelo domínio digital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além disso, nessa plataforma, foi possível refinar a busca por pesquisas desenvolvidas na grande área de conhecimento “Letras e Linguística” e na área de avaliação da CAPES “Letras e Literatura”.

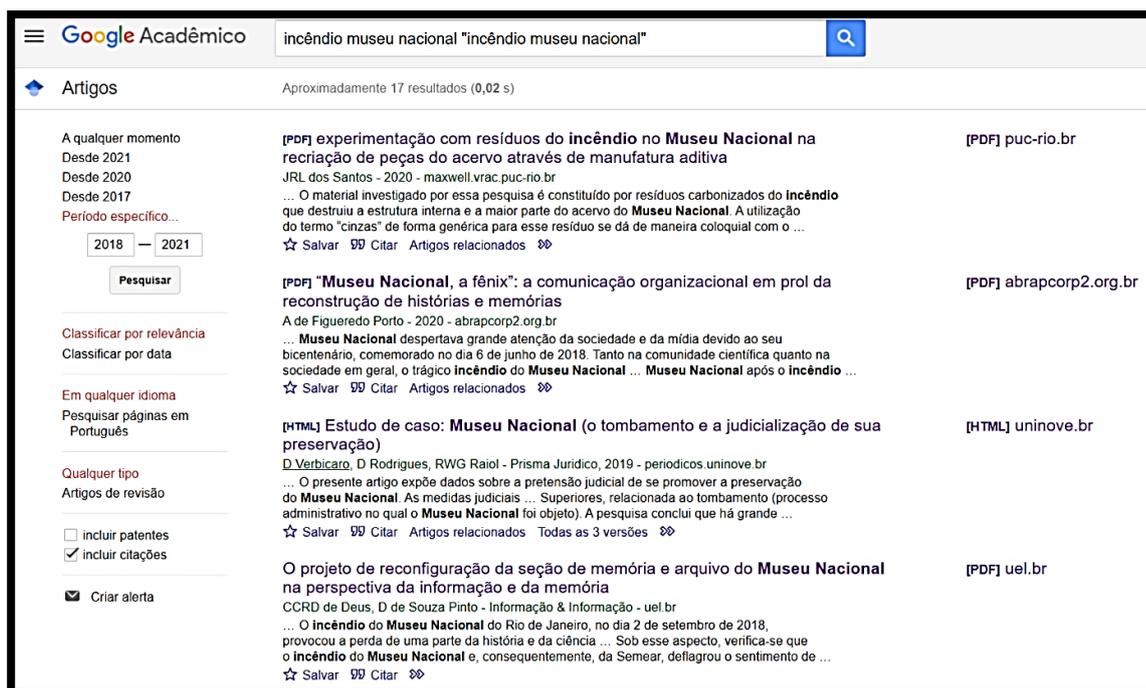
Figura 1 – Tela de captação do resultado da busca por indexadores no Catálogo de teses e dissertações da CAPES.



Fonte: Catálogo de teses e dissertações da CAPES (2021). Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 09 dez. 2021.

Na forma de um arquivo estabilizado, tais critérios reuniram, no caso do Catálogo de teses e dissertações (Figura 1), 280 resultados (200 dissertações e 80 teses) as quais, estranhamente, não mantinham nenhuma relação com a temática do incêndio do Museu Nacional. Minha hipótese, nesse caso, é a de que os algoritmos recuperaram, dentre outras possibilidades, termos como “incêndio”, “museu” “nacional”, separadamente, presentes em listas de referências ou em dados quaisquer dispostos no decorrer dos textos retornados na forma de resultado de pesquisa por indexadores. Nesse caso, passo a considerar que esses resultados não só atestam a não existência de investigações concluídas e publicadas em forma de teses e dissertações sobre essa temática, mas também, que apontam para o domínio de outros objetos de discurso. Discursivamente, não se poderia dizer que se tratam de resultados que escapam ao regime de enunciados analisados, uma vez que os efeitos dos algoritmos, nesse caso, demonstram dispersões outras que poderão servir a análises futuras cujo foco seja o modo como a materialidade e o funcionamento próprios do digital atingem à constituição dos arquivos discursivos de modos inesperados e, por vezes, distante da regularidade estabelecida pelas leis que organizam e atestam os discursos verdadeiros na ordem da ciência e, mais especificamente, no interior das ciências da linguagem. Dito de outra maneira, quer isto dizer que a dispersão temática dos enunciados é constitutiva do regime de circulação dos discursos, pois responde à regra de repetição ou de distanciamento temático a que responde um enunciado na sua forma de indexador.

Figura 2 - Tela de captação do resultado da busca por indexadores na plataforma Google Acadêmico.



Fonte: Plataforma de busca por indexação Google Acadêmico (2021). Disponível em: https://scholar.google.com/scholar?start=0&q=inc%C3%AAndio+museu+nacional+%22inc%C3%AAndio+mu+seu+nacional%22&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_ylo=2018&as_yhi=2021. Acesso em: 09 dez. 2021.

Quanto ao resultado do Google Acadêmico (Figura 2), constaram 17 retornos que correspondem a produções acadêmicas indexadas em espaços acadêmicos diversos, tais como bibliotecas universitárias, repositórios de anais de eventos e plataformas de periódicos de diferentes áreas (Ciências da Comunicação, Direito, Design, Ciências da Natureza, Estudos Literários e Linguística Aplicada, Segurança no Trabalho e Engenharia Civil). Desses, 14 foram descartados porque, assim como ocorrera na busca indexada no Catálogo de teses e dissertações, ou estavam ligados a outros objetos de estudo, ou faziam menção ao incêndio do Museu Nacional na forma de fato noticioso, ou tratavam-no como marco temporal, seja para discutir estudos de caso sobre edificações, seja para elaborar atividades pedagógicas na área de leitura e produção escrita na educação básica. Este funcionamento discursivo da dispersão temática não só já fora abordado, como também, nesse segundo movimento reflexivo, é tomado como parte da regra de coerência do regime de circulação dos discursos que atualizam o acontecimento do incêndio do Museu Nacional. Esse procedimento de exclusão enunciativa de descarte, certamente, requer atenção futura, pois propõe, como no caso anterior, um movimento inesperado do arquivo, cuja análise precisa ser gestada sob a ótica da análise da “ordem do discurso digital” (CAMPOS, 2021b). Aliás, é válido destacar que esse modo de funcionamento difuso e marcado pela tendência a dispersar, heterogeneamente, as unidades temáticas de indexação, controlando o tipo de resultado prevalente para cada sujeito em cada nova busca é próprio dessa ordem discursiva (SILVEIRA; CAMPOS, 2021).

Os demais estudos se organizaram do seguinte modo:

Tabela 1 - Resultado da busca por indexadores na plataforma google acadêmico.

REFERÊNCIA	RESUMO
Trindade, Bruno da Cruz. Renascendo das	Esta pesquisa se propõe a uma investigação exploratória na utilização de resíduos carbonizados,

<p>cinzas: experimentação com resíduos do incêndio no Museu Nacional na recriação de peças do acervo através de manufatura aditiva. Rio de Janeiro, 2020. 121p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51252/51252.PDF. Acesso em: 09 dez. 2021.</p>	<p>como matéria prima para reconstrução de peças perdidas no incêndio que, em setembro de 2018, destruiu parte do acervo do Museu Nacional (MUSEU NACIONAL) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através de tecnologias de Manufatura Aditiva. [...] A principal contribuição se caracteriza pela possibilidade de recriar peças do acervo do museu, bem como agregar diferentes valores simbólicos aos objetos reproduzidos com resíduos provenientes do próprio MUSEU NACIONAL, através de experimentos realizados com pesquisadores do Laboratório de Processamento de Imagem Digital do Museu Nacional, do Núcleo de Experimentação Tridimensional – NEXT da PUC Rio e do Instituto Nacional de Tecnologia. A pesquisa apresenta uma análise por Microscopia eletrônica de varredura (MEV) e espectroscopia de energia dispersiva (EDS) de amostras desse material, com a identificação de sua composição, e segue três linhas de trabalho focadas em processos diferentes de Manufatura Aditiva, o que resultou no desenvolvimento de um filamento termoplástico extrudado, uma massa argilosa em pó e uma linha que combina processos de fabricação digitais e analógicos. As peças produzidas foram exibidas em exposições relacionadas ao Museu Nacional.</p>
<p>PORTO, Alessandra de Figueiredo; MARTINS, Márcio André Cardoso de Faria. “Museu Nacional, a fênix”: a comunicação organizacional em prol da reconstrução de histórias e memórias. <i>Anais do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas</i>- Bauru/SP, 2020. Disponível em: http://abrapcorp2.org.br/site/manager/arq/exCKUL8IKQ_ABRAPCORP_2020_GT_2_PORTO_MARTINS_S_ET_2020.pdf. Acesso em: 09 dez. 2021.</p>	<p>Em junho de 1818, a cidade do Rio de Janeiro passou a abrigar a instituição que seria responsável pela disseminação do estudo das ciências naturais no país: o Museu Nacional. Localizado na Quinta da Boa Vista desde 1892, o museu é o mais antigo do Brasil. A instituição completou duzentos anos em junho de 2018, comemorados com variada programação cultural. Todavia, em setembro de 2018, um incêndio destruiu grande parte do seu acervo de 20 milhões de itens. A partir de então, teve início o projeto de reconstrução do Museu Nacional. Tal processo partiu de um minucioso trabalho de comunicação, visando demonstrar que as chamas não destruíram a identidade da instituição - assunto a ser tratado no presente artigo.</p>
<p>DEUS, Cássia Costa Rocha Daniel de; PINTO, Diana de Souza. O projeto de reconfiguração da seção de memória e arquivo do Museu Nacional na perspectiva da informação e da memória. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/40134/pdf. Acesso em: 09 dez. 2021.</p>	<p>Objetivos: Identificar os elementos do sistema Colheita e refletir sobre questões técnicas e teóricas que o ancoram. Abordar a relação entre memória, informação e arquivos, além de demonstrar a interdependência das ações do homem com a informação e a memória. Metodologia: A pesquisa se caracteriza como descritiva e qualitativa, com discussão centrada em autores da área de Ciência da Informação e da Memória Social. Resultados: As reflexões teóricas suscitam questionamentos acerca do projeto de reconfiguração e implantação do sistema Colheita e, sobretudo, embasam a constatação de que ambos são construções coletivas</p>

	da memória. Conclusões: Ao considerar que um dos objetivos da Semear é salvaguardar a documentação institucional sobre a memória do Museu Nacional, aponta que as memórias pós-catástrofe devem ser contempladas no projeto de reconfiguração e, conseqüentemente, inseridas no Colheita.
--	---

Fonte: Campos (2021a).

O que a pluralidade dessas abordagens demonstra é a de que o propósito de constituir um estado de conhecimento no campo do Estudos Discursivos Foucaultianos não visa ao estabelecimento de um quadro de continuidades teóricas ou ao de efeitos causais entre enunciados e objetos que ora convergem, ora divergem entre si, no interior do campo de concomitância que estabelecem numa prática discursiva como a da epistemologia das ciências. Antes, possibilita a observação e a montagem das séries enunciativas possíveis que produzem um dado objeto de discurso.

Como se vê na **Tabela 1**, os poucos estudos indexados virtualmente pela temática do incêndio do Museu Nacional provocam o efeito de homogeneidade no tocante à noção de memória (nacional) como “aquilo que se perdeu/aquilo que se busca não perder/aquilo que se busca recuperar). Esse campo enunciativo formado, em um primeiro momento, prospecta a forma de entrada do gesto de leitura proposto na investigação, qual seja, a de uma observação sistemática dos efeitos de remanência desse discurso da perda de (uma (instituição de)) memória nacional. A vontade de saber implicada nesse tipo de coerência investigativa, no entendimento de Foucault (2012, p. 184-185) “[...] desempenha sempre o mesmo papel: mostrar que as contradições imediatamente visíveis não são mais que um reflexo de superfície; e que é preciso reconduzir a um foco único esse jogo de fragmentos dispersos”. Por outro lado, e na seqüência da mesma afirmação, o filósofo nos exorta acerca do perigo das continuidades, asseverando que

a contradição funciona, então, ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade [...] como objetos a ser[em] descritos por si mesmos, sem que se procure saber de que ponto de vista se podem se dissipar ou em que nível se radicalizam e se transformam de efeitos em causas (FOUCAULT, 2012, p. 185-186).

Com base nesse aparato teórico-metodológico que ampara, dentre outros movimentos, este que é o de constituição de um estado de saber, da consolidação de uma lei que permitiu que, num dado período de tempo, no calor de uma dada época, acerca de um objeto específico pudessem circular, em concomitância, um conjunto de proposições e não outras em seu lugar; e também de uso “[d]a teoria como uma caixa de ferramentas [...] que trata de construir não um sistema, mas um instrumento, uma lógica própria às relações de poder e às lutas que se engajam entorno deles” (FOUCAULT, 2015, p. 246), questioneei: porque esses enunciados sobre o Museu Nacional e não outros em seu lugar? O que haveria de tão próximo, de tão visível no conjunto de discursos postos em circulação em razão do sinistro do incêndio que necessita ser tratado “no jogo da sua instância”?

O percurso de seleção/formulação de ferramentas analíticas, orquestradas pelo t(r)ato do diagnóstico requereu um processo de reflexão no desvelamento do que se torna a justificativa dessa investigação. Se, no calor da escrita da história do presente, os enunciados sobre o incêndio do Museu Nacional se dão a ver sob um regime de continuidade baseado no tema da perda da memória e das instituições de memória nacional, por outro, permitiu considerar que, especialmente pelas condições de emergência, de coexistência enunciativa e

de possibilidade de circulação pelo digital, isto é, que nessas “novas formas de visibilidade” (FOUCAULT, 2014b), não apenas o discurso memorialístico está em jogo. O que poderia e, de certo modo, pode ser “o rosto de nossa época”, como dissera Foucault sobre o modo de significação dos fenômenos históricos, cede lugar, ou melhor, chama a atenção para um jogo de correlações (de força, certamente) que delineiam, em diferentes aspectos, a emergência da figura do intelectual específico como sujeito e objeto de discurso.

Foi por isso que, na pesquisa na qual figurou este estado da arte, houve a proposição de um deslocamento na ordem das continuidades analíticas já propostas, seja no âmbito dos Estudos Discursivos Foucaultianos, seja no âmbito de outros campos de saber e de trabalhos anteriores que se dedicaram à compreensão do incêndio do Museu Nacional como fenômeno, que sustenta a montagem de um outro quadro de observação cujo objeto é a posição assumida pelo intelectual específico na ordem desses enunciados em circulação, a saber, da reivindicação do efeito de verdade que situa o trabalho do cientista na ordem de um discurso verdadeiro – sobretudo, diante dos incessantes ataques a essa posição e a outros sujeitos e instituições, o que culminou nos tempos obscurantistas e negacionistas da equipe de governo brasileiro entre os anos de 2018 e 2022.

Com base nesse levantamento, de início, o processo investigativo se deparou com uma recorrência de enunciados que colocavam à análise o efeito da quebra do Pacto de segurança no que tange a um regime de inteligibilidade dos discursos que comporta e faz circular sobre a memória nacional (**Figura 3**).

Figura 3 - Recorrência de enunciados em circulação a partir do incêndio



Série manchetes veiculadas, especialmente, no campo midiático digital, acerca do desastre coletadas entre os dias 03/09 e 20/09/2018.

Fonte: Campos (2018).

Por esse motivo, a empreitada chegou à compreensão de que tal regime de funcionamento apontava para uma “política de esquecimento” (CAMPOS, 2018; BEIGUELMAN, 2019; CAMPOS, 2020a; CAMPOS, 2020b). Tal política se especifica a partir de uma estratégia biopolítica mobilizada pelo Estado em sua maquinaria de gerenciar a população com incidência destacadamente na proliferação de determinados tipos e temas de discurso em detrimento de outros. Controlar a circulação da memória, deslocando-a para novos trajetos políticos e sociais, em especial, pela gestão do digital como o “meio” (FOUCAULT, 2008) propício a essa ação biopolítica.

Acontece, no entanto, como sabemos, que nenhum discurso circula, senão sob uma relação de coexistência: os enunciados se dispersam de certo modo a ponto de sua rarefação alcançar diferentes campos de saber, diferentes espaços de circulação. Esse corolário do discurso reconduziu a análise para aquilo que, escamoteado em uma primeira investida no

campo dos acontecimentos, assemelhava-se ao que Foucault chamou de “espuma da história” (FOUCAULT, 2005).

Os regimes de verdade sustentados e constituídos na relação biopolítica descrita até aqui não se encerravam nas diversas enunciações em circulação pela mídia. Como parte de seu funcionamento, um dos movimentos observados fora a construção de um “novo” meio para a restauração do Pacto de segurança ora devastado pelas chamas, do qual deriva o documentário “resgates”. Sua função estratégica fora a de divulgar as ações desenvolvidas pelo estado brasileiro na reconstrução do museu. Objetivamente, o documentário é composto de relatos de diferentes sujeitos envolvidos com o processo de resgate da parte do acervo sob os escombros e as ações de reconstrução desse espaço de pesquisa, guarda, manutenção e exibição que era o Museu Nacional, conforme expresso na Figura 4:

Figura 4 - Implicações do sujeito no dizer-a-verdade sobre si



Transcrição oral: 28min45 a 30min08 (grifos meus): O que vai acontecer, sei lá, com o Museu daqui a um ano, dois anos, três anos hoje ninguém sabe. **Hoje a gente está passando por um momento muito delicado na história, na história da ciência, na história do Museu, na história do país e até, eu te digo, na história do mundo.** Não sabe. Em outra época eu te diria: o Museu pegou fogo e ele vai ser completamente restaurado. Vamos ter um belo Museu, e... vamos correr atrás de novos acervos, vamos pesquisar mais, vamos mais para campo, vamos coletar mais, vamos estudar mais, vamos ter mais alunos. **Não posso dizer isso com certeza, eu não sei, eu não sei.** Às vezes você tem a sensação de que está tudo jogando contra. O que você está tentando fazer hoje não é reverter isso. Você não tem forças hoje para reverter. O que você está tentando hoje é manter essas coisas possíveis para que, num momento futuro, depois de passar esse momento crítico do resgate, do salvamento das peças, essas peças estejam disponíveis, aí sim, para você brigar para que elas retornem da maneira mais adequada. Que as pessoas possam vir aqui, ver tudo que já foi feito, tudo que pode ser feito e tenham realmente um espaço para o conhecimento e cultura!

Fonte: Campos (2021a).

Justamente, nesse novo meio de consolidação do Pacto de segurança, chamou-me a atenção um certo movimento por parte dos sujeitos tomados como “voz institucional”, uma vez que tematizaram, nesse documentário, mais suas narrativas pessoais em relação a história que mantiveram com a produção de conhecimento no e a partir do museu, do que, propriamente as ações técnicas, por parte de sua atuação, ou políticas, por parte da atuação do Estado.

Nesse “porão da história” (ARTIÈRES, 2013), alocados nesse estrato histórico (FOUCAULT, 2005), tais sujeitos, entendidos aqui como intelectuais específicos, se constituem e são constituídos pelos outros como sujeitos que pronunciam um discurso de verdade. A verdade, nesse caso, é uma aleturgia, isto é, o domínio pelo qual o sujeito, no ato de dizer, “[...] se constitui e é constituído como sujeito que pronuncia um discurso de verdade [...]” (FOUCAULT, 2020, p. 04).

Por sua vez, a presença de uma incongruência móvel e transitória no nível das relações de poder (FOUCAULT, 2014a), cujo resultado é o rompimento das modalidades enunciativas da narrativa biopolítica é tratada, na espessura de um espaço de dissensão, como uma prática de transgressão responsável pela emergência e pela inscrição do intelectual específico, ainda que, de modo pulverizado, em um dizer verdadeiro transgressor. A transgressão enunciativa se demarca, no documentário mencionado, como um exercício tático de um dizer-a-verdade sobre si mesmo desse sujeito, um procedimento aletúrgico que sustenta práticas discursivas de transgressão na ordem dos discursos científico-cultural postos em cena no documentário. Ao relatar a si mesmo, os sujeitos depoentes entram na contramão dos diversos enunciados arrolados no estudo e identificados na montagem do estado da arte, além de testarem, pela contradição, os limites da “voz” do Estado que visava, com o mesmo documentário, destacar sua atuação na retomada daquilo que (não) se perdera nas chamas do incêndio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propus um retorno ao procedimento de elaboração do estado da arte de minha tese de doutoramento como forma de refletir, discursivamente, sobre os efeitos dessa realização nos procedimentos próprios dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Remontar ao um processo analítico executado, implicou um movimento reflexivo que desse consequência ao legado teórico e Michel Foucault lido no interior das ciências da linguagem.

A descrição analítica da busca indexada por trabalhos acadêmicos que respondessem a critérios atrelados à discursividades referentes ao incêndio do Museu Nacional permitiu observar a constituição de um estado de saber sobre os enunciados reunidos digitalmente sobre o tema; a consolidação de uma lei que permitiu que, num dado período de tempo, no calor de uma dada época, acerca de um objeto específico pudessem circular, em concomitância, um conjunto de proposições e não outras em seu lugar, incide sobre um regime de práticas analíticas vindouras como uma espécie de controle normatizador do arquivo discursivo de uma dada época. Este, elemento normalizador dos diversos enunciados que poderão, à luz de uma teoria foucaultiana dos discursos, virem a ser *corpora*, cooptam o fazer o científico do analista das práticas discursivas, desencadeando as possibilidades deste se inserir na ordem dos discursos possíveis.

Por fim, destaco que a estratégia metodológica do diagnóstico, parece-me, intersecta sujeito pesquisador e enunciados onde eles se encontram no mapa da atualidade de modo que, apenas a névoa do tempo pode, ao fim de cada nova pesquisa, estabelecer outras condições de possibilidade de constituição dos enunciados circunscritos aos *corpora* de um mesmo arquivo discursivo, ainda que em chamas.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROS, Frédéric (Org.). **Foucault**: a coragem da verdade. Tradução de marcos Marcionilo. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Parábola, 2013. (Episteme; 1).
- BEIGUELMAN, Gisele. **Memória da amnésia**: políticas do esquecimento. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

- BERT, Jean-Françoise. **Pensar com Michel Foucault**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013. (Episteme).
- CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos Campos. **A emergência do intelectual específico em práticas discursivas de transgressão**: relatar a si mesmo como aleturgia no documentário *resgates*. 2021. 137 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021a. Disponível em: http://www.ple.uem.br/jefferson-gustavo-dos-santos-campos_tese.pdf. Acesso em: 07 fev. 2023.
- CAMPOS, Jefferson. O esquecimento como estratégia biopolítica no contexto da reconstrução/resgate do Museu da Língua Portuguesa e do Museu Nacional. 2020a. *Anais XXXV Encontro Nacional da ANPOLL: Letras ao Norte: linguagens e pós-graduação em chão vermelho*. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020a.
- CAMPOS, Jefferson. O estatuto do esquecimento no acontecimento discursivo-midiático do incêndio no Museu Nacional: a fotografia como memória. 2018. In: *Caderno de Resumos do IV Seminário Discurso, Cultura e Mídia – é preciso ousar se revoltar: práticas de resistência na história e na teoria*. 2018. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2018. Disponível em: https://sedisc.files.wordpress.com/2020/10/caderno_resumos_iii_sedisc_2017.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021. 2018.
- CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos. **A imagem em discurso digital**: heterotopia dos regimes de ver e de dizer a arte no espaço digital. 1. ed. Curitiba: Editorial Casa, 2021b. Disponível em: <https://editorialcasa.com.br/produto/a-imagem-em-discurso-digital-heterotopia-dos-regimes-de-ver-e-de-dizer-a-arte-no-espaco-virtual/>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos. Considerações acerca do estatuto do esquecimento no acontecimento discursivo-midiático do incêndio do Museu Nacional. In: PEREIRA, Anísio Batista; CAMPOS, Jefferson. (Orgs.). **Discursos, culturas e memórias na América Latina**: entre análises e práticas na contemporaneidade, Catu: Bordô-Grená, 2020b, p. 241-252. Disponível em: https://www.editorabordogrena.com/files/ugd/d0c995_27c7bc182c884babb45810f8ecf9b59c.pdf. Acesso em: 07 fev. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. (Campo Teórico).
- FOUCAULT, Michel. Aula de 1.º de fevereiro de 1984: segunda hora. In: FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II – curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. 4. tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020, p. 23-30. (Obras de Michel Foucault).
- FOUCAULT, Michel. O jogo de Foucault. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Tradução de Abner Chiquieri. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. (Coleção Ditos e Escritos, v. IX).
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- FOUCAULT, Michel. 1980 - Mesa-Redonda em 20 de maio de 1978. In: Manoel Barros da (Org.). **Estratégia, poder-saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3. ed. 2. reimpr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 328-346. (Coleção Ditos e Escritos V. IV).
- FOUCAULT, Michel. 1977 - Pode e saber. In: Manoel Barros da (Org.). **Estratégia, poder-saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3. ed. 2. reimpr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 218-235. (Coleção Ditos e Escritos V. IV).
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto Machado. 7. ed. 3. tir. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.
- FOUCAULT, Michel. Retornar à História. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005, p. 283-295. (Ditos e Escritos II).
- SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz dos. **A qualidade da educação superior e a pedagogia universitária**: um olhar sobre a docência, 2018. 193 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, RS, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1178/1/gmstsantos.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- SILVEIRA, Juliana da; CAMPOS, Jefferson. Um corpo negro e uma cabeça de porco: (des)encontros de duas vidas que importam. **Revista Crítica Cultural**, Palhoça, SC, v. 16, n. 2, p. 141-150, jul./dez. 2021. 2021. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/12628/10341. Acesso em: 07 fev. 2023.